



PATRIMÔNIO IMATERIAL (TRADIÇÃO ORAL E EXPRESSÃO/ FORMAS DE EXPRESSÃO E ARTES PERFORMATIVAS/ PRÁTICAS SOCIAIS, RITUAIS, CERIMÔNIAS / O SABER-FAZER/ O LUGAR)

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DA CHAPADA DO ARARIPE E OS MUSEUS ORGÂNICOS DA CULTURA

**BARBOSA, FABIANA P. (1); MELO, JOSÉ PATRÍCIO P. (2); LOPES, MARIA DA
C.(3).**

1. Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri. Departamento Av. Jeremias Pereira, 103, Centro, Nova Olinda – Ceará. E-mail: fabianabarbosafcg@gmail.com
2. Universidade Regional do Cariri - URCA. Geopark Araripe. Rua Cel. Antonio Luiz, 1116, Pimenta, Crato – Ceará. E-mail: patricio.melo@urca.br
3. Universidade de Coimbra - UC. Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Patrimônio. Paço das Escolas, Largo da Porta Férea, Código Postal: 3004-545, Coimbra. E-mail: conlopes@ci.uc.pt

RESUMO

Os museus orgânicos são iniciativas da Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri em parceria com o Sistema Fecomércio Ceará e Geopark Araripe. Atualmente são sete museus que retratam o modo de vida, saber e fazer dos mestres da cultura tradicional da Região do Cariri, alguns deles são portadores do título de notório saber da universidade Estadual do Ceará e reconhecidos pelo Governo do Estado do Ceará como Tesouros Vivos da Cultura, o que permite a remuneração vitalícia a estes mestres. A iniciativa de museu orgânico amplia essa política cultural inovando no campo da museologia social como processo educativo e de desenvolvimento socioeconômico. O ambiente natural e cultural da Chapada do Araripe é a base que moldou o perfil desses artistas da cultura tradicional, senão vejamos: A Chapada do Araripe é considerada a maior bacia sedimentar do interior do Nordeste brasileiro, compreende uma área de 12.000 quilômetros quadrados, no extremo Sul do Estado do Ceará, Noroeste do Pernambuco e Leste do Piauí. Originada no período Pré-cambriano, a sedimentação da Bacia do Araripe principiou-se no âmbito da água doce, evoluindo quando o mar invadiu a região, formando camadas de gipso e rochas associadas, testemunhada por peixes fósseis característicos de ambiente marinho. Esse “mar interior de água doce” será responsável pela mancha de vegetação sempre verde em um “mar de caatinga” que dá à Chapada do Araripe um diferencial importante na paisagem nordestina. No Cariri Cearense, reconhecem-se de modo peculiar os elementos constitutivos desta original, rica, complexa e excepcional forma de cultura que conecta materiais de diversas proveniências e tempos, e os conserva vivos e dinâmicos até ao presente, através de uma pluralidade de pujantes manifestações de cunho verdadeiramente popular e simbólico. As múltiplas manifestações que a nobilitam, algumas das quais pela expressão social e de resistência que comportam foram determinantes para a História do Brasil, são transversais à vida colectiva e privada e perfilam-se pelas necessidades do dia-a-dia e/ou pelos ciclos da terra, pelas festividades pagãs e/ou religiosas e caracterizando-se pela riqueza e complexidade, desdobrando-se em múltiplas formas — festas populares, maneiro-pau, reisados; danças de coco; os caretas, de Jardim, Pau da Bandeira de Santo Antonio, de Barbalha; a Missa do Vaqueiro, de Serrita, Penitentes, Banda Cabaçal, Guerreiros, Mamulengos, Romarias, com destaque para a do Padre Cícero, incorporando Mestres e Mestras de saberes e fazeres, práticas de medicina tradicional, alimentação

própria, formas particulares de construir e materiais usados são exemplo de uma ampla gramática de sotaques e ritmos tão sonoramente diversificados e expressivos, que nela se sente o compasso da vida neste território. Perfilando-se como uma paisagem cultural ininterrupta, densa e variada que chega a tomar-se a “Bacia cultural “do Cariri como a alegoria cultural da Chapada do Araripe inteira.

Texto do resumo: Para o título ‘RESUMO’, use fonte Arial de tamanho 10 em negrito, caixa alta, com espaço simples. Para o texto do resumo, use fonte Arial tamanho 10, com espaçamento entre linhas simples, sem parágrafos, fórmulas ou referências bibliográficas.

Palavras-chave: Museus Orgânicos; Patrimônio Imaterial, Chapada do Araripe; Mestres da Cultura.

CHAPADA DO ARARIPE – O AMBIENTE

Para além das delimitações geopolíticas a Chapada do Araripe é um território amplo, com um extenso vale banhado das mais diversas manifestações culturais, momentos históricos e registros pré-históricos. Como poeticamente coloca Limaverde (2015), ao se tratar dos limites da região do Cariri com os estados do Piauí, Paraíba e Pernambuco, descreve:

Seus “braços”, ao oeste, estendem-se chegando à fronteira do Piauí, onde se encontram com a Serra da Ibiapaba. Ao leste, seus vales férteis chegam até quase o limite do Estado da Paraíba pela Serra do Saco e Serra Verde. Ao sul, em toda a sua extensão, limita-se com o Pernambuco. Ao norte, abre seus flancos avançando em direção à depressão sertaneja cearense. (LIMAVERDE, 2015, p. 64).

Figura 1: Vale da Chapada do Araripe



Foto: Augusto Pessoa/Acervo Fundação Casa Grande

A delimitação do espaço geográfico da pesquisa aqui apresentada exige contextualizar o lugar que ela habita. No Cariri a contextualização geográfica, importa saber os sinais de cultura como aponta Geertz (2008) *apud* Limaverde (2015).

A pergunta: 'Quando o homem encontrou o Araripe e qual era o contexto ambiental e cultural naquele período' é a construção científica em formação desde a criação da Fundação Casa Grande. A compreensão desse espaço na Pré-história, no contexto de adaptações e modificações da paisagem de um páleo-ambiente, foi se construindo e dinamizando, paulatinamente, e, como afirma Geertz (2008), dele se busca uma partícula do comportamento: um sinal de cultura. Esses sinais de cultura, dos quais ora se busca a interpretação, estão pintados e gravados nos sítios de Arte Rupestre que, do vale, adentram pelos leitos dos rios e chegam até a altitude dos abrigos

sob rocha nas proximidades das nascentes das fontes da Chapada do Araripe. Também se revelando nos grandes aldeamentos lito-cerâmicos da Área Arqueológica do Araripe, do vale à altitude da meia vertente da Chapada (LIMAVERDE, 2015, p. 149).

De acordo com o IPECE (2006, p. 4), quando se trata do termo região está “associado a um determinado espaço físico, particularizado por determinadas características semelhantes, tais como: condições geográficas, socioeconômicas, culturais, étnicas, etc.” No que se refere à Chapada do Araripe:

(...) Seu comprimento é de aproximadamente de 180 km, e sua largura média, compreendida entre 25 a 30 km, atinge em alguns pontos 50 a 60 km. A altitude máxima já medida é da ordem de 962 metros em Baixa Grande, divisa entre Ceará e Pernambuco. (BNB, 1961).

É desse lugar amplo, que é a Chapada do Araripe que nasce o projeto Museus Orgânicos, por conceito e pensamento, e que se encontra hoje implantado nos municípios de Nova Olinda, Potengi e Juazeiro do Norte, estes integram a Região do Cariri Cearense. Este espaço geográfico reúne cidades com diferentes vocações culturais e comerciais. No campo da cultura entendemos o cariri como um grande celeiro de expressões artísticas e culturais, com base popular e comunitária, que envolve dança, música, teatro, cultura popular e do dia a dia do povo do sertão. É desse lugar de tradições que é o Cariri, que falamos de cultura, sendo ela “todas as ações por meio das quais os povos expressam suas formas de ser constituem sua cultura” (BRAYER, 2007).

No território Cariri, suas cidades e lugarejos, os sinais de cultura na concepção de Geertz (2008) *apud* LIMAVERDE (2015) estão fincados com raízes profundas e que se espalham pela terra fértil da Chapada do Araripe e dela surgem os grupos de coco, lapinha, reisado, bacamarte, maneiro pau, banda cabaçal, artesões do couro, do barro e da palha. Ainda para Geertz (1989) a cultura é um conjunto de crenças, hábitos e modos de vida, que integra um sistema de símbolos e significados no qual são estabelecidos planos, normas, regras e instruções para o comportamento social.

Mas para a Arqueologia Social Inclusiva que a Casa Grande propõe, todas essas respostas só farão sentido se essas partículas de cultura, impressas dos significados do passado forem lidas e reinterpretadas pelas comunidades a que pertencem como parte de suas vidas e de sua identidade. Uma arqueologia que parte do imaginário do mito vivido e recriado, que gere no presente e futuro das comunidades, afetividade primeiro consigo mesmo, depois com o próximo, com o lugar em que se vive e com o objeto cultural, seja ele imaterial ou material. Dai porque falo de uma descrição densa e do coração (LIMAVERDE, 2015, p. 150).

É a Chapada do Araripe e seu vale, verde em cultura viva, que nasce o projeto Museus Orgânicos, objeto central dessa pesquisa e que neste, vamos procurar desenhar os percursos metodológicos encontrados para criação e implantação do projeto.

OS MUSEUS ORGÂNICOS DA CULTURA

A noção dos “Museus Orgânicos” traz na sua essência a valorização das histórias de vida dos mestres brincantes, de suas artes e ofícios. Eles são espaços sagrados, nos quais os saberes e as experiências dos mestres surgem em contexto com a força cultural dos territórios e de suas comunidades, garantindo assim a permanência do patrimônio material e imaterial das memórias e tradições cearenses. Como coloca Alembert Quindins, idealizador do projeto:

O coração do que denominei de “Museus Orgânicos” não vem de teses acadêmicas ou tratados científicos. Vem do poder que tem a arquitetura de reunir em traços visíveis o sentimento humano de forma poética e se manifestar em afeto e arte. A invisibilidade do encantado se apresenta em forma de simplicidade na relação entre a natureza humana e o espaço ocupado (QUINDINS, 2019).

Vale ressaltar que os Museus Orgânicos, à luz da ideia de organicidade, são por concepção, um trabalho em evolução contínua, dinâmica e interativa. Ambientes de convivência espontânea, eles possibilitam que a experiência vivenciada se renove a cada local de vida e criação. A dinâmica da aproximação entre o objeto em exposição e espaços – terreiro, oficina, morada –, ocorre mediada pelos habitantes, possibilitando ao visitante o sentimento de não ser mero espectador, mas parte da existência dos criadores.

Neste sentido, o presente trabalho propõe abordar a dimensão dinâmica do processo de implantação dos Museus Orgânicos, considerando seu aspecto inovador no que diz respeito à gestão do espaço museal, seja ele casa, oficina ou casa-oficina. Contar sobre esses percursos, permite retornar a criação da Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri (1992) pelos pesquisadores e músicos Alembert Quindins e Rosiane Limaverde. Encontra-se nesse espaço cultural e museal os primeiros indícios do que veio se tornar o conceito de Museus Orgânicos, por ser ele o primeiro a ser criado e que passou a ser gerenciado pelas crianças da comunidade de forma autêntica e espontânea.

Assim, pretende-se evidenciar que Museus Orgânicos se constituem uma rede sociocultural composta de lugares de memórias vivas: fomentando a troca de experiências, circulando conteúdo, fortalecendo vínculos comunitários, intercambiando conhecimentos e oportunidades de geração de renda às famílias e comunidade, tendo como matriz a arquitetura do afeto e a ativação de territórios criativos.

Em síntese, Museus Orgânicos são espaços que guardam história, tradição e ofícios, possibilitando ao visitante transitar nos terreiros, oficinas, casas e despertar seu encantamento no diálogo com os moradores ao aprofundar o conhecimento da forma como expressam sua percepção de mundo.

O CONCEITO DE ORGANICIDADE

Como foi esclarecido anteriormente, o estudo trata da dinâmica concreta dos Museus Orgânicos. Contudo, é pertinente esclarecer os principais fundamentos com os quais se trabalhou. Por contraste, pode-se explicitar a noção de Museu Orgânico por meio da memória da própria instituição museu. Afinal, em seus primórdios, o museu cumpria um papel claro:

A história dos museus está ligada à construção de políticas patrimoniais. Começa no fim do século XVIII associando-se ao processo de construção das nações. A Nação como noção agenciadora da imaginação museal coloca acento nas coleções capazes de representar a origem das coletividades e de construir comunidades imaginárias. Os museus serviam para espelhar os mundos desaparecidos e serviam às necessidades de glorificação de um passado movimentado por personagens importantes, fatos excepcionais e obras representativas. As contradições em relação aos objetivos e ao alcance das narrativas museais vão se tornando evidentes no curso do século XX, quando o espaço e a imaginação museal vão se transformando em objeto de crítica por diferentes grupos sociais. (SILVA, *et al.* 2014, p. 25)

Naturalmente, nossa posição se distancia dessa visão monumental, que não pode senão instrumentalizar o espaço museal, a fim de fortalecer uma posição que lhe é externa. Nesse caso, o espaço museal estaria a serviço da ideologia do Estado-Nação. No campo diametralmente oposto localiza-se o Museu Orgânico pela sua intrínseca relação com indivíduos determinados e comunidades específicas.

Portanto, para os interesses deste trabalho é muito importante recordar as transformações no campo de reflexões sobre o espaço museal:

(...) novas propostas de ação museológica surgem a partir dos anos 1970 e 1980. Há uma retração nas narrativas centradas na unidade da “memória nacional”, que esteve em voga em outros períodos, e outras narrativas, agenciadas pela ideia de diversidade, passaram a se movimentar no campo político dos museus. (...) O foco tradicional na coleção, na preservação do objeto, no discurso científico é alargado, ressaltando-se a partir de certo momento o caráter social da instituição e suas possibilidades de atuação nos processos de desenvolvimento social. (SILVA, *et al.* 2014, p. 26)

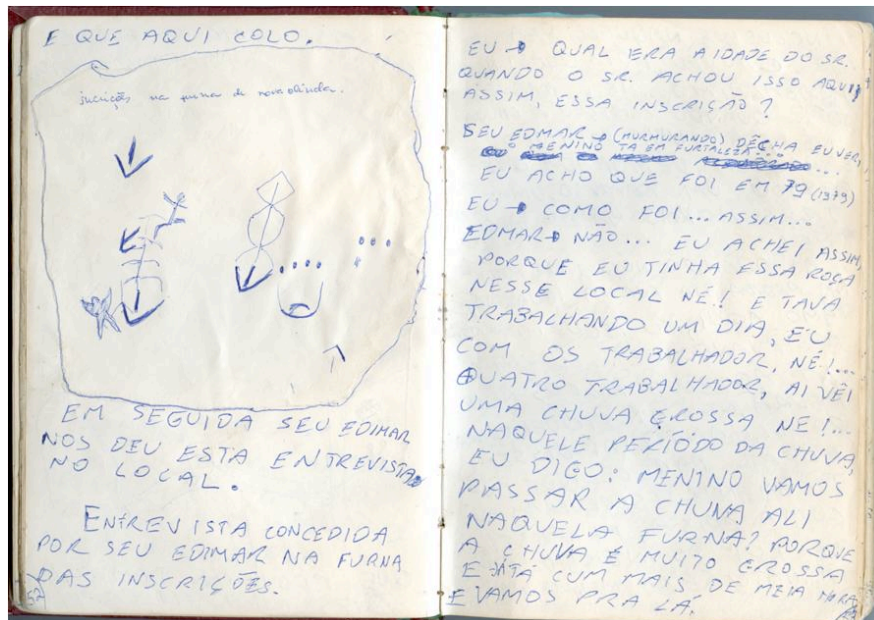
O conceito de Museu Orgânico radicaliza esse movimento, como detalharemos a seguir.

PARTÍCULAS DE CULTURA NO CARIRI: O PRIMEIRO MUSEU – MEMORIAL DO HOMEM KARIRI

A criação dos Museus Orgânicos no Cariri se deu a partir da idealização, experiência e amadurecimento da Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri, criada em 1992. A Fundação nasce com a proposta de ser um museu arqueológico para receber pesquisadores e estudiosos da área.

Iniciada pelos músicos e pesquisadores da cultura Kariri, Alemberg Quindins e Rosiane Limaverde, que foram surpreendidos com o interesse e cuidado das crianças de Nova Olinda com o museu de arqueologia recém-implantado. A Casa antiga e abandonada que deu origem a cidade de Nova Olinda foi restaurada e abriga o acervo que os músicos receberam de moradores do sopé da Chapada do Araripe. Nessa região eles andavam gravando lendas contadas pelos moradores e deles recebiam a indicação de pedras pintadas e artefatos arqueológicos como doação, indicando os caminhos percorridos e habitados pelos Kariris. A pesquisa é registrada em um diário de campo, com uma média de 230 páginas escritas com relatos das visitas aos sítios arqueológicos.

Figura 2: Diário de Campo de Alemberg Quindins, páginas 57 e 58 (1991).



Fonte: Acervo Fundação Casa Grande.

A Fundação, assim, nasceu de maneira orgânica, participativa e proativa, aí incluindo a gestão do espaço do Museu pelas crianças da cidade de Nova Olinda.

Figura 3: O voo das crianças da Fundação Casa Grande, em Nova Olinda – Ceará, 2015.



Foto: Helio Filho / Acervo Fundação Casa Grande.

Desse processo de implantação do Memorial do Homem Kariri, suas estratégias de manutenção, parcerias e articulação com a comunidade, nasceu, amadurecido aos vinte e dois anos de atuação institucional, a ampliação dos museus orgânicos em Nova Olinda. Ampliando assim a rede de museus locais em 2014, com a implantação do Museu do Ciclo do Couro – Memorial Espedito Seleiro (Nova Olinda – CE), inaugurado em 19 de Dezembro de 2014¹, dentro da filosofia de trabalhar no território do Cariri Cearense: “um assunto em cada canto”. Aqui, comparamos as partículas de cultura com os Museus Orgânicos no Cariri, pois são pontos de conteúdo e patrimônio cultural que estão espalhados pelo território. São casas e acervos que estão sendo ressignificados, musealizados e compartilhados com a comunidade.

O Memorial Espedito Seleiro deixou de ser um sonho antigo do Mestre Espedito, quando em 2014, a Fundação Casa Grande recebe o 1º Lugar do Prêmio Nacional de Projetos com Participação Infantil no Rio de Janeiro, realizado pelo Centro de Criação da Imagem Popular – CECIP² e resolve, coletivamente, aplicar o recurso na montagem do Museu do Ciclo do Couro. Desse modo, a cidade e a comunidade ganharam mais um ponto de conteúdo, cultura e memória em parceria com a Associação Escola Espedito Seleiro.

¹ Teaser de Inauguração do Museu do Ciclo do Couro Memorial Espedito Seleiro: <https://www.youtube.com/watch?v=5vOyYxJEwRI>

² Ver notícia de resultado da premiação: <http://www.cecip.org.br/site/1-premio-nacional-de-projetos-com-participacao-infantil/>

Porém, a definição e nomeação dessa ação de musealização comunitária e popular como Museu Orgânico surgiu numa das reflexões fortuitas do Fundador Aemberg Quindins, já em 2016, após o amadurecimento do projeto e implantação de um novo museu, o Museu Casa de Antonio Jeremias Pereira (Nova Olinda-CE), inaugurado em 21 de Abril de 2017. Nas palavras de Brandão (p. 06, 2016):

Nos últimos anos, experimentamos um desenvolvimento excepcional das atividades museológicas, sobretudo o crescimento da Museologia Comunitária, que traz como foco sua função social, ressignificando os museus como espaços não apenas educativos e de convivência, pesquisa, exposição de acervos e coleções, mas também de formação política dos indivíduos e de comunidades engajadas no processo de forjar suas próprias narrativas museais.

O Museu Casa de Antonio Jeremias³ foi um dos museus montados com apoio do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), através de projeto aprovado em edital pela Fundação Casa Grande, no Edital Pontos de Memória 2014. A iniciativa da Fundação de aplicar os recursos para montagem de pequenos museus nas Casas dos Mestres da Cultura, ou de pessoas como o Sr. Antonio Jeremias Pereira, fundador do município Nova Olinda, é justamente fortalecer a comunidade, conforme citado por Brandão (2016). Nesse processo ocorre a restauração de casas e pequenos prédios, criando novos significados para peças que estavam guardadas nas gavetas e armários particulares, gerando afeto e cuidado com a memória local.

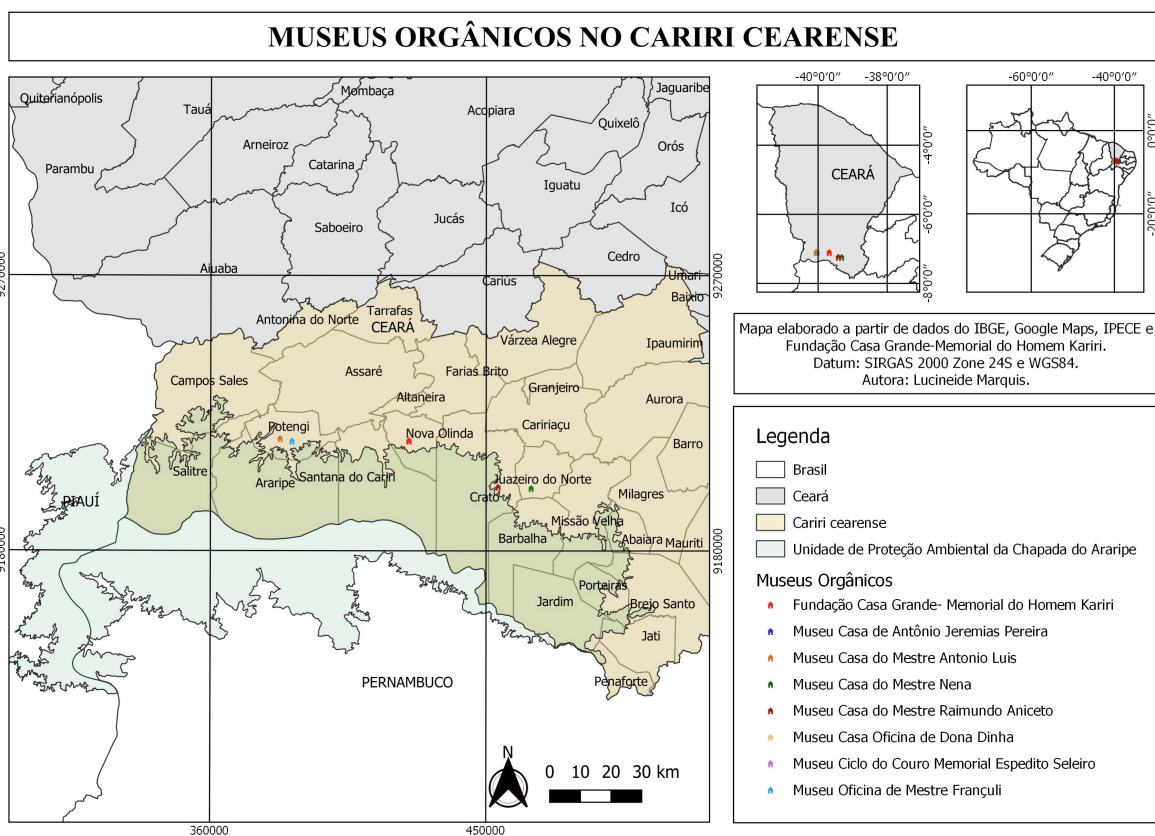
AMPLIAÇÃO DOS MUSEUS ORGÂNICOS NO VALE DA CHAPADA DO ARARIPE

O Museu Orgânico tem em sua filosofia ser construído nos princípios de base comunitária, musealizando conteúdos locais, agregando valor cultural à comunidade, montado com preço justo, em que se discute os assuntos do território e possibilitando a difusão da história, patrimônio e memória de um povo (BARBOSA, 2017).

O Cariri, celeiro de memórias, patrimônios e riquezas culturais, possui um universo amplo de conteúdos que podem ser abordados, oportunizando, dentro das cidades e seus pequenos bairros, salas de aula livres, onde cultura, conteúdo e memória habitam as casas dos mestres da cultura, artesãos, brincantes de folguedos populares, benzedeadas. No mapa abaixo, indica-se a localização dos museus orgânicos já instalados na Região do Cariri, Vale da Chapada do Araripe.

Figura 4: Mapa de localização dos museus orgânicos no Cariri cearense.

³ Ver site: <http://cmantoniojeremias.wixsite.com/museucasa>



Fonte: Elaborado por Lucineide Marquis a partir de IBGE, Google Maps, IPECE e dados da Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri.

Conforme aponta o mapa, os museus orgânicos já estão instalados em quatro cidades do Cariri, abaixo especificadas e com os respectivos museus instalados:

- **Nova Olinda**
 - Memorial do Homem Kariri
 - Museu do Ciclo do Couro Memorial Espedito Seleiro
 - Museu Casa de Antônio Jeremias
 - Museu Casa Oficina de Dona Dinha
- **Potengi**
 - Museu Casa do Mestre Antônio Luiz
 - Museu Casa Oficina do Mestre Françuli
- **Crato**
 - Museu Casa do Mestre Raimundo Aniceto
- **Juazeiro do Norte**

- Museu Casa do Mestre Nena

No processo de estabelecimento desses Museus Orgânicos, o entendimento assimilado como conceito privilegia um olhar e uma percepção de mundo de forma integral e humanizada. Assim, convergem espaço, vidas, fazer, refazer, construir, reconstruir, produção, reprodução, difusão, proximidade, coletivo, meio, propósitos, brincar produzem a energia geradora das trocas, aprendizados, afetos. Tais espaços restauram memórias, histórias, compromissos, mudanças, vidas, permanência, isto é, autêntica síntese da existência humana e da Casa Grande ao trazer para a atualidade a memória material e imaterial de um Território que convive, respeita e restaura a relação ancestralidade, tradição e modernidade.

Nos caminhos orientados pelo conceito, valores e compromissos com a coletividade são executados dois projetos museográficos: Museu do Ciclo do Couro, com a centralidade na obra do Mestre Espedito Seleiro, e o Museu Casa de Antônio Jeremias, morada do influente político e local onde ocorreu o ato estratégico da emancipação do município de Nova Olinda.

As iniciativas contribuem para a melhor fruição dos bens culturais que os museus abrigam e para a adequada conservação das peças, bem como passam a compor a cadeia da economia da cultura e criativa e do turismo social de base comunitária, impactando na complementação da renda familiar dos Mestres, seus familiares e dos componentes envolvidos nas atividades, garantindo a existência e permanência dos terreiros e das tradições culturais, dos espaços históricos e ambientes que abrigam os ofícios artesanais.

Destaca-se o papel da mulher no contexto, não apenas nos afazeres domésticos, mas como gestora do espaço e dos acervos vai além, pois ela produz e comercializa sua arte e culinária, bem como exerce a atividade de acolhimento. Na expressiva maioria, a mulher se revela contadora de histórias, dando visibilidade e evidenciando sua importância no contexto cultural.

"A região possui um universo amplo de conteúdos que podem ser abordados dentro das cidades e seus pequenos bairros, salas de aula livres, onde cultura, conteúdo e memória habitam as casas dos mestres da cultura, artesãos, brincantes de folguedos populares, benzedeiros", explica Fabiana (COSTA, 2017).

Em parceria com o Serviço Social do Comércio (Ceará), em junho de 2017 a Fundação Casa Grande iniciou a ampliação da criação dos Museus Orgânicos nas casas dos Mestres da Cultura Popular nas cidades de Potengi, Nova Olinda, Crato, Juazeiro e Barbalha. A ideia consistia em adaptar as salas e os espaços de ensaios dos grupos de tradição popular em

Museus Orgânicos, que permanecem vivos no dia a dia dos mestres e mestras e suas famílias, sua comunidade e de seu território.

Trata-se de um processo descrito por Olivieri e Natale (2016, p. 282) parafraseando o professor argentino Néstor García Canclini:

(...) até meados do século passado, a definição da configuração física de uma cidade que era quase feita por oposição ao que existia no campo. Hoje em dia, ainda nos ensina Néstor Canclini, devemos levar em conta os processos culturais e imaginários que habitam as cidades. “Não atuamos na cidade só pela orientação que nos dão os mapas ou GPS, mas também pelas cartografias mentais e emocionais que variam segundo os modos pessoais de experimentar as interações sociais”.

A gestão do Museu Orgânico é leve e integrada à família, pois a sala se transforma em museu, os objetos comuns ao dia a dia do mestre são elevados a peças de museu, com valor simbólico, histórico e cultural. A pesquisa é feita em conjunto com o mestre, os brincantes e a própria comunidade. Registro em vídeos possibilita a elaboração do projeto visual do museu, com logomarca, fachada do museu, blog de alimentação de notícias e informações e catalogação do acervo exposto. No Museu Orgânico, ao mesmo tempo em que o mestre conta suas histórias, as paredes ilustram o cenário simbólico e afetivo na Casa do Mestre.

Os Mestres selecionados terão suas salas, oficinas e terreiros transformados em espaço de memória, aberto à visita dos acervos – seja este composto por vestimentas, fotografias, instrumentos e tudo que contribuiu para a criação dos seus grupos ou o exercício do ofício. Essa ideia visa garantir condições para que essas famílias criem um diálogo com os visitantes que chegam ao Cariri, tornando-se um circuito da cultura popular e uma fonte de complementação de renda.

Os recursos financeiros, advindos do Sistema Fecomércio Ceará e SESC, em parte foram destinados para melhorias físicas do ambiente de modo a transformar o espaço residencial, de cada um dos Mestres, em lugar aprazível e confortável para a família e os visitantes.

Desse modo, o processo de restauração e de intervenção nos espaços, seleção e disposição de objetos, imagens e mobiliários ocorre em permanente diálogo com o Mestre, sua família e o grupo da comunidade, estruturados a partir das características indenitárias dos padrões patrimonial, cultural, social e econômico da família.

Nesse processo, a necessidade de registro da metodologia se fez presente, uma vez que a reaplicação da ideia está em discussão para outras cidades e casas, com outros tipos de saberes e ofícios, fazendo de cada experiência única, mas com fatores em comum que colaboram para o desenho metodológico de implantação de um museu.

CONSIDERACOES FINAIS

Concluimos este trabalho reafirmando a vitalidade e o dinamismo da experiência dos Museus Orgânicos e esperamos ter contribuído para um entendimento mais amplo da importância dessa nova forma de conceber o espaço museal.

O critério inicial da seleção realizada pela Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri e o Sistema Fecomércio, por meio do Sesc/CE, levou em consideração o reconhecimento dos Mestres pela sociedade, sua notória atuação e as vivências praticadas por seu grupo na área de cultura popular em particular nas categorias: mestres brincantes, mestres de artes e ofícios, luthier, espaços sagrados.

Vale esclarecer que os critérios de seleção podem ser revisados ou flexibilizados considerando a possibilidade de identificação de novos espaços, personalidades, ofícios, ampliando sobremaneira a difusão dos costumes, saberes e fazeres, da história e da memória, do repertório cultural no território cearense, sem perder de vista valores e princípios conceituados como Museu Orgânico.

Os fundamentos para ampliar e consolidar a parceria Fundação Casa Grande e o Sesc, no primeiro momento, foi a compreensão da importância da inovação e dinâmica social embutidas no conceito de Museu Orgânico na perspectiva do desenvolvimento sociocultural do território.

Considerados os aspectos institucionais. A Política Cultural do Sesc, aprovada a partir da Resolução Sesc Nº 1.304/2015, que define “o fomento à produção cultural e no desenvolvimento artístico regional e nacional”, no caso materializado pelo projeto “Sesc Cultura de Raiz, que visa o fomento e a valorização da tradição e da cultura popular na região do cariri, contribuindo para manutenção das vivências, dos modos de fazer, dos costumes e das memórias coletivas que permeiam o imaginário dos que vivem à cultura e buscam se manter através da sua prática, fortalecendo as suas identidades e contribuindo para o seu reconhecimento enquanto sujeitos culturais.”

Na mesma perspectiva a Fundação Casa Grande, nos seus 27 anos de existência, consolida as relações cultura e sociedade por meio dos seus programas e projetos- Educação Infantil, Profissionalização de Jovens, Empreendedorismo Social, Geração de Renda Familiar e Sustentabilidade Institucional, com crianças, jovens, famílias e comunidade, se consubstancia na origem e essência do que hoje se define “MUSEU ORGÂNICO”, nomeação da ação de museologia comunitária que surge a partir das reflexões do idealizador da Fundação Casa Grande.

Vale salientar a importância formativa exercida pela Fundação Casa Grande na Região do Cariri, quando o SESC Ceará firma parceria para instalação da Galeria de Arte Luiz Gastão Bittencourt, no espaço do Educandário 15 de Novembro, edificação que abriga as bibliotecas da instituição, tornando-se o laboratório de concepção, pesquisa, capacitação e produção de mostras e exposições de arte. Com a experiência adquirida, consolida-se a formação de profissionais e amplia-se o número de jovens qualificados para a prestação de serviços em museologia, curadoria, produção cultural, montagem técnica de exposições, comunicação digital. A equipe é estimulada para a construção do conceito, disseminação e concretude de Museus Orgânicos.

Logo, a experiência de implantação dos museus ora apresentada, humaniza ainda o conceito de Museu Orgânico e estuda a análise dos processos, os quais podem ser aprimorados a partir de outras experiências implantadas, com um olhar ainda mais ampliado acolhendo realidades ainda mais distintas, o que demonstra uma perspectiva de continuidade da pesquisa em questão, no sentido de observar não só os aspectos da implantação dos museus, mas sobretudo, de como os mestres da cultura vem vivenciando formas de gerir seus museus-casa.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Raimundo Oswald Cavalcante. *Mãos preciosas: o artesanato do Ceará*. 1ª ed. São Paulo: Luste Editores, 2008.

BENTES, Ivana. *Museus Orgânicos por Ivana Bentes*. <https://blogfundacaocasagrande.wordpress.com/2017/11/16/museus-organicos-por-ivana-bentes/> . Acesso em 03 de março de 2019.

BNB. **Observações Preliminares sobre a Hidrogeologia da Chapada do Araripe e do Vale do Rio Carás**: Departamento de Estudos Econômicos – Seminário para Desenvolvimento do Sul do Ceará. Fortaleza, 1961.

BRANDÃO, Org. OEI. **Pontos de Memória**: metodologia e práticas em museologia social / Instituto Brasileiro de Museus, Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura. Brasília, DF: Phábrica, 2016.

BRAYNER. Natália Guerra. **Patrimônio Cultural Imaterial**: para saber mais. Brasília, DF: IPHAN, 2007.

CEPIP. Centro de criação de Imagem Popular. **1º Prêmio Nacional De Projetos Com Participação Infantil**. 2014. Disponível em: <http://www.cecip.org.br/site/1-premio-nacional-de-projetos-com-participacao-infantil/>. Acesso em: 16 jul. de 2019.

COSTA, André. *Museus Orgânicos devem integrar cotidiano da história*. **Diário do Nordeste**. Fortaleza, p. 2-3. 22 jul. 2017. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/museus-organicos-devem-integrar-cotidiano-da-historia-1.1792383>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

GEERTZ, Clifford. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

IPECE. Instituto de pesquisa e estratégia econômica do Ceará. **As regiões de planejamento do Estado do Ceará**. IPECE Textos para Discussão, nº 111 -

Novembro de 2015. Disponível em: https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2014/02/TD_111.pdf. Acesso em: 16 ago. de 2017.

IPECE. **A Regionalização do Estado do Ceará**: Uma Proposta de Reformulação. Texto para discussão nº 25. 2006. Disponível em: <http://www.ipece.ce.gov.br/> Acesso em: 15 ago 2017.

IPECE. **As Regiões de Planejamento do Estado do Ceará**. Nº 111. Novembro de 2015. Textos para discussão. Disponível em: http://www.ipece.ce.gov.br/textos_discussao/TD_111.pdf . Acesso em 15 ago. de 2017.

LIMAVERDE, Rosiane. **Arqueologia Social Inclusiva**: A Fundação Casa Grande e a Gestão do Patrimônio Cultural da Chapada do Araripe, Nova Olinda, Ceará, Brasil. 2015. 474 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2015.

MUSEU do Ciclo do Couro Memorial Espedito Seleiro. TVCASAGRANDE. 2017. 1 min e 56 seg, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5vOyYxJEwRI>. [Acesso em 16 jul. de 2019.](#)

OLIVIERI, Cristiane; NATALE, Edson. **Guia brasileiro de produção cultural: ações que transformam a cidade**. São Paulo, SP: Edições Sesc São Paulo, 2016. 408 p.

PEREIRA. **Museu Casa de Antonio Jeremias**. Disponível em: <https://cmantoniojeremias.wixsite.com/museucasa>. [Acesso em: 16 jul. de 2019.](#)

QUINDINS, Alemberg (Org.). **Casa Grande – 20 anos**. Nova Olinda, CE: Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri, 2012. 20 p.

SILVA, Frederico Barbosa ... [et al.] **Encontros com o futuro: prospecções do campo museal brasileiro no início do século XXI**. Brasília, DF: Ibram, 2014. 142p. : il; 21x29,7cm – (Coleção Museu, economia e sustentabilidade, 1)